



PODE O NEGRO VIVER? A VIOLÊNCIA RACIAL E A CONCEPÇÃO DE BIOPODER EM FOUCAULT

Joyce Amâncio de Aquino Alves¹

Resumo

O intuito deste artigo é discutir como a condição de ser negro está relacionada às diversas situações de violência a partir da conceituação de Biopoder pensada por Michel Foucault, uma vez que o controle político das raças no Brasil fica evidente quando pensamos questões como a escravidão, a imigração européia, a política de branqueamento, a democracia racial e o “genocídio” da população negra. Desta forma, pretendemos expor a violência racial a partir do pensamento de autores como Michel Foucault, Hannah Arendt e Abdias do Nascimento, entendendo que ser negro constitui-se em uma batalha política, uma vez que o Biopoder posiciona o debate frente ao poder exercido sobre um determinado grupo ou população, subjugando-os.

Palavras-chave: Biopoder. Raça. Violência.

Introdução

Ao tratarmos o conceito de Raça, a discussão é feita a partir de Frantz Fanon, em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, a questão da Raça e das relações branco e negro são categorias centrais para problematizarmos as consequências do racismo.

Para a compreensão de Raça, Fanon contribui principalmente com a sua argumentação sobre a importância dos acontecimentos sociais na constituição dos sujeitos. Logo, em Fanon se destaca as relações brancos e negros como um processo histórico e social. Assim, o autor consegue aprofundar como se constrói a noção de raça a partir da violência do colonialismo europeu.

¹ Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Membro do Núcleo de Pesquisa de Relações Raciais Frantz Fanon (NUPERR/UFPE).

A influência da psicanálise que Fanon transmite, permite-nos pensar que a questão do ser negro requer reconhecimento no sentido equitativo, com sentimentos e ações que não desumanizem o negro em sua condição de existência, mas pelo contrário, promova ao negro seu valor humano através de uma ação recíproca. Nesse sentido, Fanon não exclui a ação do branco nesse processo, indicando a coexistência das raças:

Diante da convivência das raças branca e negra, pensamos que existe uma assunção em massa de um complexo psicoexistencial. Ao analisá-lo, visamos a sua destruição. Muitos pretos não se reconhecerão nas linhas que se seguem. Muitos brancos, igualmente. Mas o fato de que eu me sinta estranho ao mundo do esquizofrênico, ou do impotente sexual, em nada muda a realidade deles².

Para a nossa pesquisa, o pensamento de Fanon estimula a visão de que Raça estabelece a necessidade de entendermos a negritude e a branquitude dentro de novos contornos que se refletem em superioridade e inferioridade, uma vez que “a civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial”³. Na ideia de desvio existencial do negro pelo branco e da inferiorização do negro, sucede a negação da existência negra, com a tentativa de sua eliminação

Não obstante, mostramos como a inferioridade dos negros foi algo construído e justificado, sendo fundamentado por elementos biológicos e características físicas, como a cor da pele, por exemplo. Dessa forma, a conceituação de Biopoder realizada por Foucault nos indica outras perspectivas de poder e de controle, podendo ser refletidas nas relações raciais no Brasil.

Michel Foucault aborda o conceito de Biopoder pela primeira vez em sua obra *A vontade de saber*, primeiro volume da *História da Sexualidade*, todavia, usou-o em seus cursos no Collège de France. O seu argumento busca mostrar como os processos de regulamentação do biológico são mecanismos de poder, pois o seu pensamento trata a governabilidade entre os indivíduos e a população, através da subjugação dos corpos.

O Conceito de Biopoder e as relações raciais

² FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Edufba, 2008, p. 20.

³ *Ibidem*, p.30.

A conceituação de Biopoder é também relacionada com outro termo foucaultiano, o de Biopolítica. Ambos os conceitos esboçam as relações entre poder, disciplina e regulamentação. Em sua definição de Biopoder, podemos destacar algumas das suas palavras:

“Ora, agora que o poder é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e no “como” da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém, sobretudo, nesse nível para aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências, daí por diante a morte, como termo da vida, é evidentemente o termo, o limite, a extremidade do poder. Ela está do lado de fora, em relação ao poder: é o que cai fora de seu domínio, e sobre o que o poder só terá domínio de modo geral, global, estatístico⁴.

Foucault é um dos importantes expoentes nos estudos sobre poder e suas ideias posicionam a discussão acerca do controle e intervenção do mesmo na modernidade, inclusive, sua ênfase é dada ao estudar a Sexualidade e ao mostrar como esse processo envolve um poder disciplinador e controlador envolvidos no poder-saber, como é o caso da Medicina, pela qual o poder assume uma relevante posição estratégica. A preocupação central do autor é pensar de que forma o poder político e o saber podem ser utilizados como instrumentos de controle em torno de objetivos.

Por conseguinte, a dinâmica de poder aprofundada por Foucault revela a sua crítica ao poder governamental, pois em sua visão não tem a tarefa de apenas governar, mas de controlar e direcionar as potencialidades humanas a partir de tecnologias para atender interesses dentro de uma lógica instrumental. Assim, sua definição de Biopoder consiste em:

“o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder”⁵

Com isso, Foucault nos chama a atenção para o entendimento de que o poder envolve estratégias políticas, inclusive biológicas que podem constituir-se em política, de forma a subjugar e regulamentar interesses e práticas. Nesse sentido, destaca-se que tais estratégias não emanam apenas do Estado, há outros focos de

⁴ FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975 - 1976). São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000, p. 295-296.

⁵ FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.3.

Biopoder como, por exemplo, algumas instituições médicas, das caixas de auxílio e dos seguros⁶

A complexidade da compreensão de Poder e Biopoder neste pensador, extrapola alguns significados, como a sua relação com o saber, que podem ser construídos historicamente e instrumentalizados em diversos contextos, pois o Biopoder “não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes”⁷

Se considerarmos o sentido etimológico da palavra Biopoder, verificamos que é Poder da vida, ou poder sobre a vida, tendo em vista que a intenção de Foucault é enfatizar que a vida é a centralidade do poder, ou o controle exercido sobre ela, uma vez que ao Estado cabe gerir a vida da população, no que diz respeito, entre outras coisas, à saúde e à segurança dessa população, ou seja, “processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc”⁸.

A partir disso, o controle político também se dá em processos biológicos regulamentados, organizados e arquitetados de maneira estratégica, principalmente na consolidação dos saberes institucionalizados, como Estatística, Demografia e Sociologia que cumprem funções importantes na construção do poder-saber, numa espécie de domínio sobre corpos.

Essa perspectiva de autoridade dada por Foucault é vista como um elemento da sociedade capitalista, pois engloba a disciplina e os sistemas de controle que para Foucault⁹ centravam-se “no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos”.

De acordo com Foucault é necessário ao capitalismo, o controle e a adequação da população aos processos econômicos, de forma vigiada e controlada. Em contrapartida, as estratégias que envolvem a questão da vida passam a ter mecanismos que vigiam, mas que também geram lutas, resistências e oposições

⁶ FOUCAULT, M. História da sexualidade. Vol 1. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1999, p.289.

⁷ Idem.

⁸ Foucault. M. Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975 - 1976). SP: Ed. Martins Fontes, 2000, p.289.

⁹ Ibidem, p. 290.

acerca da vida, como definiria Antonio Gramsci numa relação de posição e contraposição.

O que é reivindicado e serve de objetivo é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. Pouco importa que se trate ou não de utopia: temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada para o sistema que tentava controlá-la¹⁰.

A argumentação de Foucault em torno do Biopoder nos mostra um modelo de gerenciamento de poder, pois se a vida e o controle são transformados em objetos ou instrumentos de dominação, estes servem como interpretações sobre as relações de poder na contemporaneidade, tendo em vista que o Biopoder assume múltiplas facetas: Estado, instituições, ideologia, entre outros.

Uma grande contribuição de Foucault está na sua análise de poder acerca de processos e acontecimentos que abrange condições de existência, vida e morte, continuação e extinção da população. Desse modo, o poder sobre a vida representa o fenômeno moderno político que passa a demandar regulação, normatização e organização em um jogo de tensão e dominação acerca dos processos vitais. As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida¹¹

A problematização que Foucault realiza é a da percepção de que o poder é o caráter conflitivo das relações sociais, com o objetivo disciplinador através de técnicas e mecanismos, exercidos a partir dos:

“agenciamentos deste poder sobre a vida que Foucault vai definir um regime discursivo instituído no final do século XVII, que veio substituir o regime de poder soberano. Este novo regime, também designado como sociedade disciplinar, é caracterizado por dispositivos, técnicas e modalidades de controle bastante específicos, que têm como objetivo o controle e a gestão da vida”¹²

As definições dadas por Foucault apontam como o Biopoder é exercido de maneira bastante específica, diferenciada das perspectivas de poder destacadas no século XVII, como são os debates sobre as teorias do contrato social e poder soberano. Nesse sentido, o poder no pensamento de Foucault é algo construído, reconstruído,

¹⁰ Ibidem, p.151.

¹¹ FOUCAULT, M. Vigiar e Punir:nascimento da prisão. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

¹² CORSINI, Leonora F. Êxodo Constituinte: multidão, democracia e migrações. 2007. p.38. Tese (Doutorado em Serviço Social) Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

mutável e multifacetado, envolvendo inclusive o elemento biológico nas relações sociais.

Com isso, a gestão sobre o coletivo, nos faz refletir o Biopoder em Foucault sob a ótica do racismo, considerando a lógica da raça como uma “ameaça”. Pensar a questão racial, a população negra e a sua vulnerabilidade no contexto brasileiro se faz pertinente ao relacionarmos ao conceito de Biopoder, uma vez que Foucault amplia o exercício do poder sobre o sujeito e associa-o à população, pois o “fazer viver” e “deixar morrer” englobam outras dimensões quando pensadas através das relações raciais aqui instauradas.

Assim, pensar a questão racial à luz do conceito de Biopoder nos enriquece à medida em que compreendemos as raízes do racismo brasileiro, pois o discurso de poder construído nas relações branco/negro determinam os lugares ocupados pelo negro em nossa sociedade. Foucault reitera em 1976 que o racismo justifica a função-morte na economia do biopoder pela recorrência ao princípio de que a morte de uns torna outros biologicamente mais fortes, na medida em que estes outros são membros de uma raça ou de uma população”¹³

Embora já tenhamos delineado raça como uma construção social, é válido ressaltar que as discussões e a superioridade/inferioridade da raça foi pautada pelas características biológicas no processo de distinção entre as raças. O controle político das raças no Brasil fica evidente quando pensamos questões como a escravidão, a imigração européia, a política de branqueamento, a democracia racial e o genocídio da população negra. Ainda que a categorização biológica de raça não se sustente cientificamente, no âmbito político ainda enfrentamos controle e regulamentações nos processos vitais que englobam o povo negro brasileiro.

Os problemas sociais do negro no Brasil, quando refletidos a partir do conceito de Biopoder pode nos direcionar a questionar a vulnerabilidade social nas esferas da saúde, educação, habitação, trabalho e expectativa de vida, reforçados e consolidados por um Racismo Institucional e cotidianamente reproduzido e que desumanizam o negro.

Olívia Cunha¹⁴ escreve sobre Biopoder e colonialismo em Foucault e Fanon tratando da negligência do aspecto colonial em Foucault tão bem trabalhada em Fanon, destacando pontos e contrapontos entre ambos os autores, no que tange aos jogos de poder e governamentalidade. Não obstante é necessário pensarmos raça

¹³ FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.p.258.

¹⁴ CUNHA, Olívia. Reflexões sobre Biopoder e Pós-colonialismo: Relendo Fanon e Foucault. Mana, Rio de Janeiro, vol. 8, n ° 1, 2002, p. 149-163.

relacionada aos conceitos de Biopoder e Colonialismo do ponto de vista da dominação exposta nestas chaves analíticas tão relevantes nos pensamentos teóricos desses autores.

Pode o negro viver? Controle, regulamentação e gestão

A raça e a sua ameaça é uma denúncia reflexiva que compreende como são várias as condições e situações que transferem ao negro as suas chances de vida e de morte, quase sempre atribuídas ao corpo e mais precisamente à cor da pele. Por conseguinte, a construção de poder que envolve biologicamente o negro, passa por controle, regulamentação e gestão. As relações de poder que permeiam a vida do negro são retratadas na obra de Abdias do Nascimento, *O genocídio do negro brasileiro de 1978*¹⁵, acentuando os processos políticos brasileiros e a dinâmica da raça em um país que elege o branco como superior e dominante.

Portanto, a ameaça é a raça negra e a sua perpetuação já combatidas na política de branqueamento e nas categorizações de sangue misto: mulato, pardo, moreno sendo “o marco que assinala o início da liquidação da raça negra no Brasil”¹⁶. As condições vitais do negro no Brasil são descritas pelo autor e assevera a a nossa associação de raça e Biopoder, vista como objeto de controle existencial.

“Se os negros vivem nas favelas é porque não possuem meios para alugar ou comprar residências nas áreas habitáveis, por sua vez a falta de dinheiro resulta da discriminação no emprego. Se a falta de emprego é por causa da carência de preparo técnico e de instrução adequada, a falta desta aptidão se deve a ausência de recurso financeiro. Nesta teia, o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação -no emprego- na escola- e trancadas as oportunidades que permitiriam a ele melhorar as suas condições de vida, sua moradia inclusive. Alegações de que esta estratificação é “não -racial” ou puramente social e econômica são slogans que se repetem e racionalizações basicamente racistas: pois a raça determina a posição racial e econômica na sociedade brasileira”¹⁷

Pertencer a raça negra é uma ameaça de existência que vai desde às condições básicas de vida quanto a sua continuidade, pois é notório como o gerenciamento da população negra brasileira está arquitetada nas relações de poder e dominação raciais. As estratégias políticas pensadas a partir da relação com o

¹⁵ NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro. Processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

¹⁶ *Ibidem*, p.69.

¹⁷ *Ibidem*, p. 85.

corpo, e mais precisamente com o corpo negro identifica a ampliação da perspectiva de poder ofertada por Foucault em Biopoder.

Ser negro no Brasil constitui-se em uma ameaça a partir das tentativas de eliminação física, política e cultural que arrancam do negro a sua humanidade e condições igualitárias de vida, sendo guiadas pela perspectiva social e histórica de raça que gerencia a (não) permanência de determinada população através de técnicas e mecanismos “civilizatórios” e “modernos”.

“A sociedade dominante no Brasil praticamente destruiu as populações indígenas que um dia foram majoritárias no país; essa mesma sociedade está as vésperas de completar o esmagamento dos descendentes africanos. As técnicas usadas têm sido diversas, conforme as circunstâncias, variando desde o mero uso das armas, às manipulações indiretas e sutis que uma hora se chama *assimilação*, outra hora *aculturação* ou *miscigenação*; outras vezes é o apelo à unidade nacional, à ação civilizadora, etc.,etc., etc. Com todo esse cortejo genocida aos olhos de quem quiser ver, ainda há quem se intitule de cientista social e passe à sociedade brasileira atestados de “tolerância”, “benevolência”, “democracia racial” e outras qualificações virtuosas dignas de elogios.”¹⁸

É possível notarmos que Abdias do Nascimento articula seu argumento para falar das técnicas diversas de eliminação das populações indígena e negra, fazendo uma crítica contundente às formas apaziguadoras e benevolentes como as que alguns teóricos abordam os conflitos raciais. Não obstante a vida do negro é objeto de poder, é uma ameaçada, disciplinada e controlada por diferentes aparatos institucionais, como enfatiza Foucault: “a morte do outro, a morte da raça má, da raça inferior (degenerada, inferior), é isto que tornará a vida mais sã e mais pura”¹⁹.

A existência do negro e a sua continuidade mostra-se minada pelo poder político à medida que compreendemos os aspectos históricos que envolvem a presença do negro desde a formação do Estado Brasileiro. Em História da sexualidade, I: a vontade de saber:

“este biopoder foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pode ser garantido a custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos”²⁰.

¹⁸ Ibidem, p. 107.

¹⁹ FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996, p. 206.

²⁰ FOUCAULT, M. História da sexualidade: a vontade de saber. 9ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1988, p. 132.

Sobre a questão racial e o Biopoder podemos pensar como se tecem políticas que favorecem e desfavorecem determinados grupos sociais, distribuem direitos e condições básicas de vida e de cidadania. Nesse sentido, além de ameaça, a existência do povo negro parece “indesejável” do ponto de vista político e social, pois é a busca da extinção do outro, como nos lembra Foucault:

“A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura.”²¹

Nesta reflexão, cabe-nos o entendimento de que direta e indiretamente a tentativa de eliminação do negro no Brasil, corresponde a um mecanismo de controle específico como definido em Biopoder por Foucault. Se Biopoder para o autor traz a perspectiva de gestão sobre a vida e sobre a morte, esta se engendra nas teias do Racismo, sobretudo do Racismo à brasileira enraizado e institucionalizado.

A dificuldade de se debater Racismo no Brasil, como tratamos anteriormente tem suas bases explicativas, e com isso, associar o conceito de Biopoder às consequências do racismo desafia-nos a compreender quais estratégias e técnicas se executam em um contexto no qual se nega o racismo enquanto prática.

O que “deve viver e o que deve morrer” é algo muito pertinente para se problematizar nas relações branco/negro, tendo em vista o Racismo como distinção biológica e social que contorna as relações sociais, pois hierarquiza, domina e institui consequências que são políticas. Quando Fanon²² trata a questão racial, apontando o judeu e o negro como ameaças a sociedade branca européia, descreve que o judeu representa perigo intelectual e o negro o perigo biológico, pois ao negro os critérios associativos são o corpo, a potência sexual, a força.

“Tem-se medo do judeu por causa do seu potencial apropriador. ‘Eles estão por toda a parte, infestam os bancos, bolsas, o governo. Reinam sobre tudo. Em pouco tempo o país lhes pertencerá. (...)’ Quanto aos negros.....eles têm a potência sexual. Pensem bem, com a liberdade que tem em plena selva! Parece que se deitam em qualquer lugar e qualquer momento. Eles são genitais.”

Com isso, não apenas o medo, mas as reações e as posições esboçadas por Fanon exemplificam como ambos constituem ameaças, e no caso do negro destaca-se o papel que o Racismo cumpre de categorizar o outro como menos humano, menos

²¹ Ibidem, p. 305.

²² FANON, op. cit., p. 130-131.

civilizado e como algo a ser superado. Assim, a dominação e o racismo quando discutidos lado a lado com Biopoder em Foucault, nos revela a potencialidade do debate das relações raciais em uma perspectiva teórica mais ampla.

A ideia de raça como categoria biológica também está presente nos escritos de Fanon e em seus muitos exemplos de uniões para “salvar” a raça, ou eliminar a “raça”, embranquecer-se. Portanto, o controle dos corpos é algo a ser refletido numa perspectiva de raça, pois é parte de um processo de organização política, de forma bem específica dentro da noção de Estado moderno. Para Foucault:

A especificidade do racismo moderno, o que faz sua especificidade, não está ligado a mentalidades, a ideologias, a mentiras do poder. Está ligado à técnica do poder, à tecnologia do poder. Está ligado a isto que nos coloca, longe da guerra das raças e dessa inteligibilidade da história, num mecanismo que permite ao biopoder exercer-se. Portanto, o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano. A justaposição, ou melhor, o funcionamento, através do biopoder do velho poder soberano do direito de morte implica o funcionamento, a introdução e a ativação do racismo. E é aí, creio eu, que efetivamente ele se enraíza”.²³

Na explanação do autor, o racismo é ligado ao funcionamento de um Estado, em seu exemplo, refere-se principalmente à sociedade nazista, mas ao longo de suas descrições em *A vontade de saber*, os esforços de Foucault destacam uma modalidade de poder que sujeita os corpos e controla a população, nesse caso, o racismo utiliza a raça, a sua eliminação. Para tanto, o Biopoder categoriza, divide e controla as distinções raciais e reforça essa caracterização para fins políticos e sociais de gerenciamento.

A inferiorização da raça negra concede um poder à dominação branca, como menciona Lilia Moritz Schwarcz ²⁴ numa relação de “quanto mais branco, melhor”, pois a dominação de um grupo sobre o outro, ou o próprio racismo “é a condição de aceitabilidade de tirar a vida humana numa sociedade de normalização”²⁵.

É quando a raça é a ameaça, e ameaçada não pode prosseguir vivendo. Diante disso, é a negação da vida, a desqualificação a partir do biológico que Foucault examina na associação entre Biopoder e Racismo:

²³ Ibidem, p.309 .

²⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade”. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

²⁵ Ibidem, p.306.

“o contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros”²⁶

O importante é o destaque dado ao Racismo por Foucault, de maneira que enquanto elemento, pode legitimar e articular ações em torno de objetivos do Estado, pois não é apenas o ódio de uma raça contra a outra. Por isso, ao aprofundarmos a conceituação de genocídio mais adiante, teremos de pensar a sua prática na particularidade brasileira, em um racismo ofensivo e atípico.

Ser negro no Brasil é uma ameaça, uma luta política, uma vez que o Biopoder posiciona o debate frente ao poder exercido sobre um determinado grupo ou população, subjugando-os. Nosso intuito é realizado a partir da compreensão de que o fenômeno do Racismo elucida a situação vivenciada pela população negra em nosso país, que é negligenciada em detrimento de outro grupo social.

O racismo se forma nesse ponto (racismo em sua forma moderna, estatal, biologizante): toda uma política do povoamento, da família, do casamento, da educação, da hierarquização social, da propriedade, e uma longa série de intervenções permanentes ao nível do corpo, das condutas, da saúde, da vida quotidiana, receberam então cor e justificação em função da preocupação mítica de proteger a pureza do sangue e fazer triunfar a raça.²⁷

O Biopoder exercido expõe uma parte da realidade brasileira, como bem descreve Schwarcz²⁸, a raça é foco da discussão política no Brasil desde a institucionalização do Direito e da Medicina, pensadas como normalização e cura, sob uma ótica de purificação racial. Esse princípio legitimou amplas políticas de controle social, que regulava e intervia em questões como família, reprodução, arquitetura, educação e trabalho.

Para Schwarcz²⁹, a medicina no Brasil desenvolve seu papel de saber-poder e toma para si o destino da nação, com base em teorias deterministas e que entra em uma estratégia política pelo prevailecimento de superioridade racial branca. Ao abordar a institucionalização da Medicina no Brasil, a autora explana o projeto de

²⁶ Ibidem, p.303.

²⁷ FOUCAULT, M. História da sexualidade: a vontade de saber. 9ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1988, p. 162.

²⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

²⁹ Ibidem, p. 190.

cura pelo embranquecimento da população, uma vez que “a nossa fraqueza biológica” era vista como um obstáculo à modernização.

No capítulo dedicado às Faculdades de Medicina no Brasil, Schwarcz³⁰ aponta que na Faculdade do Rio de Janeiro se especializavam em doenças tropicais, e os médicos da Bahia preocupavam-se com os cruzamentos raciais. “Ou seja, para os médicos cariocas se tratava de combater doenças, para os profissionais baianos era o doente, a população doente que estava em questão”³¹

Desse modo, a autora trata como através da Medicina o projeto higienista era engendrado para sanar os males da miscigenação, pois entendiam que a miscigenação trazia degeneração à população e seria causa de doenças. Não obstante, o país passa a ser visto como uma nação doente à medida em que, cresciam os estudos e pesquisas das Faculdades. Levantava-se o questionamento sobre a constituição do ser negro: reparável ou irremediável?. É pensada, além da degeneração, a noção de perfectibilidade de uma raça, a loucura, a epilepsia, etc. Associava-se muitos males com a questão de miscigenação e a sociedade brasileira refletida como um hospital para ser entendido do ponto de vista racial.

A quantidade e a qualidade de informações contidas no pensamento de Schwarcz³² transparece a necessidade de maximizar as contribuições dadas para a compreensão do ideário médico da época, pois a autora escolhe trabalhar as revistas acadêmicas de ambas as Faculdades, para analisar as produções internas reproduzidas pelas instituições. Assim, temos exemplos de como a concepção de Biopoder é importante para pensarmos as relações raciais em nosso país, considerando que o negro é exposto como problema social e um obstáculo ao progresso.

No século XX, a partir das décadas de 10 e 20, pensa-se sobre a eugenia e sobre mecanismos que priorizassem raças boas, pois as fraquezas e os defeitos da sociedade tinham relação com a impureza biológica existente, assim a perspectiva era de que no Brasil, haveria a necessidade de melhoramento da “raça humana”.

A Eugenia chegou ao Brasil por meio dos livros produzidos nos EUA e Europa. Por aqui, encontrou solo fértil. Casou-se com um conjunto variado de idéias. Algumas delas existiam desde a metade do século XIX e explicavam a experiência histórica em torno das populações escravas. Outras, espetacularmente desenvolvidas após 1870, almejaram construir um mundo moderno, colocando o Brasil nos trilhos do progresso. Certamente, um dos motivos para o desenvolvimento do eugenismo nas três primeiras décadas do

³⁰ Idem.

³¹ Ibidem, p.190.

³² Idem.

século XX estava na preocupação com os ex-escravos que estavam em processo de proletarização³³

A relação que podemos traçar é a de que o eugenismo é uma das principais preocupações lançadas para o projeto de Brasil moderno e que a questão racial, mais precisamente a questão negra era algo a ser vencido. Não obstante, o branqueamento e a mestiçagem possibilita a estratégia de ação, pelo Biopoder, uma vez que pelo incentivo a imigração européia, tivemos uma política de Estado voltada para esse fim.

Essa diluição das raças pela vinda dos europeus ganha o nome de "cruzamentos felizes" dado por José de Oliveira Viana³⁴ que daria uma arianização generalizada. Dessa forma, a miscigenação era central para a formação da sociedade brasileira, e envolvia o controle de vidas, pois viam na mestiçagem uma oportunidade de promover o progresso nacional.

O conceito de Biopoder nos leva à compreensão da relação do racismo com a política, principalmente com a ação política voltada para um interesse. Portanto, ao analisarmos as questões raciais é importante considerarmos também as contribuições do pensamento da Hannah Arendt sobre o Imperialismo e o Racismo, pois em sua análise "toda ideologia que se preza é criada, mantida e aperfeiçoada como arma política e não como doutrina teórica (...) Seu aspecto científico é secundário."³⁵

Para Arendt, a raça é um conceito chave de alicerce ideológico da dominação. Por conseguinte, o argumento da autora aponta que a existência de raça é a fonte dos conflitos políticos, pois surge como justificativa de algumas ações políticas e de supremacia de um grupo sobre outro. A relação que podemos compreender entre Biopoder, Racismo e o pensamento de Hannah Arendt é a de que o Racismo é uma arma política de cunho nacionalista, não sendo fácil dissociá-los, problematizado pela autora ao pensar a sociedade alemã.

Considerações finais

³³ DOS SANTOS, Ricardo Augusto. Os intelectuais e a eugenia. Sociologia e Política. Curitiba: UFPR, 2009, p. 11.

³⁴ VIANA, José de Oliveira. Evolução do Povo Brasileiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956 [1923].

³⁵ ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.189.

O racismo é destacado para traçarmos a relação entre violência e raça que permeia as relações raciais no Brasil, que podemos considerar como um Racismo de Estado, eugênico e enraizado nas práticas cotidianas que se encontram também em um processo de denúncia, visibilidade e resistência que se torna crescente na contemporaneidade.

Não obstante, a conceituação de Biopoder, o “deixar morrer” na conjuntura brasileira apresenta um dos problemas mais sérios de violência racial, o extermínio da juventude negra que denota um controle da eliminação da “raça ruim”.

A regulação sobre a vida da população negra, tem apresentado elementos vinculados aos conceitos de genocídio, extermínio, matança, entre outros, uma vez que enquanto sujeitos conscientes e mobilizados, uma parcela do povo negro tem buscado resistir e denunciar práticas discriminatórias e violentas contra a raça negra.